

A N N E J O N A S

---

# CONTOS E LENDAS DE CIDADES E MUNDOS DESAPARECIDOS

Ilustrações de Sylvie Serprix  
Tradução de Rosa Freire d'Aguiar



---

Copyright © 2007 by Éditions Nathan/ VUEF — Paris, França

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

*Contes et légendes des cités et des mondes disparus*

Capa

*Eliana Kestenbaum*

Preparação

*Ana Maria Alvares*

Revisão

*Ana Luiza Couto*

*Angela das Neves*

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Jonas, Anne

Contos e lendas de cidades e mundos desaparecidos / Anne Jonas ; ilustrações de Sylvie Serpix ; tradução de Rosa Freire d'Aguiar. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

Título original : Contes et légendes des cités et des mondes disparus.

ISBN 978-85-359-1577-8

1. Ficção - Literatura juvenil I. Serpix, Sylvie. II. Título.

---

09-11432

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

---

2009

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP — Brasil

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

## SUMÁRIO

1. COMO NOÉ FOI SALVO DO DILÚVIO — Relato bíblico .....	7
2. O JARDIM DA LONGA VIDA — Conto chinês.....	17
3. TENTENVILÚ E CAICAIVILÚ — Conto chileno.....	31
4. A TORRE DE BABEL — Relato bíblico .....	39
5. O PALÁCIO DOS MIL DIAMANTES — Conto do Saara .....	51
6. O ARQUIPÉLAGO ERRANTE — Conto chinês.....	67
7. EM BUSCA DA CIDADE DE OURO — Conto persa .....	83
8. COMO NASCEU O LAGO TITICACA — Conto inca .....	99
9. A LENDA DA CIDADE DE YS — Conto bretão .....	109
10. ATLÂNTIDA — Mito grego (Platão).....	131
11. O CREPÚSCULO DOS DEUSES — Mito viking.....	141
POSFÁCIO.....	151
BIBLIOGRAFIA .....	155



## COMO NOÉ FOI SALVO DO DILÚVIO

**N**aqueles tempos antigos, homens esparlhados aqui e ali já viviam em aldeias e até mesmo em vastas cidades. Sem ter mais o que fazer, desde que acabara de modelar a Terra, de vez em quando Deus se debruçava e do alto das nuvens observava sua obra. Se estava satisfeito com suas montanhas, planícies e extensões de água, não estava com as criaturas. De cada canto de seu reino Lhe chegavam ecos da violência dos poderosos e da tristeza dos oprimidos.

Um dia, Ele chegou a se arrepender de ter fabricado aquela raça de homens que inva-

riavelmente conseguia transformar o bem em mal. Isso não podia mais durar; Deus imaginava ter o direito de destruir o que fizera nascer e pensava cada vez mais nisso.

Ora, entre as criaturas que tanto o decepcionavam havia um de quem gostava como de um filho, pois jamais o vira cometer um mal. Tratava-se de Noé, que, com a mulher e os filhos Sem, Cam e Jafé, tentava transformar cada dia numa nova manhã do mundo, rica em promessas e amor. Se quisesse continuar a ser justo, Deus não podia matá-lo, assim como não podia matar todos os animais que nada tinham a ver com os funestos projetos daqueles mortais que, no entanto, haviam sido feitos à Sua imagem. Depois de muito pensar, o pai da criação imaginou ter encontrado a solução. Uma noite, dirigiu-se a Noé:

— Os homens me decepcionaram tanto que vou castigá-los como merecem. Resolvi que quando minha raiva passar nada mais

será igual na superfície desta Terra de que eles deviam ser os guardiões, os jardineiros, mas também os viajantes maravilhados. Noé, você e sua família escaparão ao dilúvio que enviarei à Terra quando abrir totalmente as comportas do céu. Durante quarenta dias e quarenta noites a chuva não cessará um só instante. Nenhum ponto deste mundo, por mais alto que seja, ficará acima das águas.

— Mas como farei para sobreviver a esse dilúvio? — perguntou Noé. — Você elogia minha retidão, mas não é por isso que ela me coloca acima do cume das montanhas. Meu tamanho é o mesmo de todos os outros homens, sejam eles feitos de farinha amarga ou do bom trigo.

Deus sorriu e explicou a Noé o que teria de fazer para escapar ao dilúvio. Construiria uma arca com dimensões extraordinárias. Feita de madeira de cipreste, ela possuiria três passadiços e uma porta de um só lado. Quando estivesse pronta, ainda seria preciso

cobri-la de piche a fim de que a água não conseguisse se infiltrar.

— Mas por que uma arca tão vasta se é destinada só a mim, a minha mulher e a meus três filhos e suas esposas?

— Vocês não embarcarão sozinhos. Terão de levar um casal de cada um dos animais da criação. Não esquecerão nenhum, nem aqueles que pululam, nem aqueles que correm, nem aqueles que voam. Enquanto você constrói a arca, seus filhos partirão para procurá-los e sua mulher cuidará de reunir os víveres necessários para subsistirem enquanto durar o dilúvio.

Noé não pensou um só instante em se opor à vontade divina e logo começou a trabalhar. Vendo-o construir um barco sobre uma colina longe do mar, muitos homens debocharam dele. Ele tentou preveni-los do perigo que os esperava, mas nenhum quis ouvir as palavras de um velho que era considerado louco.

Um dia, quando Noé acabava a obra, seus filhos chegaram, à frente de uma fileira de animais com pelos, com escamas e com penas. A serpente seguia a corça, que por sua vez seguia o leão. Todos subiram a bordo da arca, e os víveres também foram embarcados.

Depois, foi a espera. Semanas a fio, Noé observou o céu sem nenhuma nuvem. Estava quase duvidando da palavra de Deus. Será que Ele quisera apenas testar sua obediência ou estava caçoando dele, pregando-lhe uma peça muito inusitada? Breve o velho teve a resposta. Uma manhã, tal como uma horda de elefantes, carregadas nuvens cinzentas se precipitaram parecendo investir contra o céu. Fez noite em pleno meio-dia, e as portas do alto se abriram e começaram a despejar sobre a terra a chuva anunciada. A família de Noé logo fechou a porta da arca.

Pela única janela da gigantesca embarca-

ção, assistiram à subida das águas. A paisagem que sempre tinham conhecido desaparecia pouco a pouco diante de seus olhos. Primeiro foram as muretas dos campos, depois o teto das casas e em seguida a copa das árvores.

O dilúvio já durava sete dias quando a arca se levantou e foi atacada pelas águas fúrias que nada mais segurava. Agora Noé era o único comandante a bordo de um navio que acolhia a mais preciosa tripulação. Precisava manter a salvo o que restava do mundo. Os homens, as mulheres e os animais que o cercavam eram, pura e simplesmente, as sementes do mundo novo que logo precisariam construir.

Como Deus anunciara, as portas do céu se fecharam quarenta dias e quarenta noites depois de terem sido abertas. Quando a chuva parou, o céu voltou a ficar azul e um sol quente iluminou um mundo que já não pas-

sava de um imenso oceano sem um único ponto de terra onde atracar.

No sétimo dia sem chuva, Noé pegou uma pomba e a soltou pela janela. Espiou-a durante o dia todo, esperando que ela conseguisse encontrar um canto de terra saído das águas. Infelizmente, a ave voltou, exausta por ter voado tantas horas, sem ter avistado o menor lugar onde pousar. O velho não se desesperou e aguardou mais sete dias antes de deixar a pombinha voar de novo. Quando chegou a noite, ela retornou trazendo no bico um raminho de oliveira. Noé sentiu o coração encher-se de esperança. As águas baixavam, já que os galhos das árvores começavam a ficar à mostra!

Sete dias depois, a pombinha foi novamente solta. Não voltou, prova de que encontrara um lugar à tona onde viver sua vida de pássaro. Logo a arca parou de navegar e se instalou sobre uma montanha. A terra ia secando. O mundo podia recomeçar.